

#cm
2
SEGUNDA-FEIRA

Laura Campanella/Divulgação

SERTÃO EM CHAMAS

O cantor e ator Xamã é um dos destaques da nova temporada da elogiada série 'Cangaço Novo'

Depois da **avassaladora estreia** em 2022, a série **'Cangaço Novo'** chega à sua segunda temporada na **grade da Amazon prime**. O **cantor e ator Xamã reforça o elenco** da produção que também terá **participação do cantor João Gomes**. Pág. 2



Rodrigo Nascimento/Divulgação



Felipe Gomes/Divulgação

Alice Carvalho fala ao público no evento de lançamento da segunda temporada de 'Cangaço Novo', que reuniu cerca de mil pessoas na pequena Cabaceiras (PB)

Série de padrão internacional retorna mais violenta

Produção teve seu evento de lançamento na pequena Cabaceiras, no sertão paraibano

GUILHERME LUIS

Folhapress

A espingarda dispara, o sangue espirra, os palavrões saem gritados e Ubaldo Vaqueiro acerta as contas com quem ele imagina ser seu algoz. Não se importa muito se pegou a pessoa certa - enfurecido, o homem vaga pelo sertão cego pela ânsia de vingar o assassinato do pai, que foi morto num incêndio no último capítulo de "Cangaço Novo", série que chega à segunda temporada.

Cenas como essa, cheias de violência, foram exibidas a céu aberto em Cabaceiras, cidade do interior da Paraíba, a cerca de 200 km de João Pessoa. No evento gratuito, elenco e cerca de 3 mil visitantes se reuniram para ver os novos episódios. Havia senhoras e senhores, gente recém-saída do trabalho e até crianças.

Há um sentimento de pertencimento entre os cabaceirenses em relação a "Cangaço Novo", já que a cidade, junto de municípios vizinhos, deu vida à fictícia Cratará. Na história, é para lá que vai Ubaldo, personagem de Allan Souza Lima, com a intenção de reivindicar terras que acredita serem suas por direito.

No local, porém, enfrenta a dureza da irmã, Dinorah Vaqueiro, vivida por Alice Carvalho, líder de um bando de cangaceiros modernos que assaltam bancos.

Se Ubaldo assume o comando do grupo na primeira temporada por sua sensatez e prudência, agora é ele quem beira o descontrole. Os novos episódios transformam o protagonista em anti-herói, mais raivoso, numa inversão de papéis com Dinorah, que ressurgiu calma, centrada e reflexiva - o oposto do que era antes.

Foi justamente o jeito explosivo



Laura Campanella/Divulgação

'Cangaço Novo' chega à segunda temporada com uma inversão no perfil dos personagens de Allan Souza Lima e Alice Carvalho

de Dinorah que permitiu a Carvalho construir uma performance expansiva, cheia de berros, cusparadas e palavrões pouco conhecidos, e se tornar um dos tiros mais certos de "Cangaço Novo". Embora coadjuvante, acabou que Dinorah foi quem mais chamou a atenção do público e, assim, se tornou a cara da série.

"Tem que entender quem está passando na avenida naquele momento. Isso é o mais importante", diz Souza Lima. "Não falo de protagonismo porque é feio dizer que a série é sobre mim. Cai num lugar narcisista, que a gente vive na classe artística."

Carvalho volta à série mais rica e paparicada, com duas novelas na conta, a cinebiografia da jogadora Marta a caminho e uma elogiada participação no filme "O Agente Secreto", que a levou à cerimônia

do Oscar, em Hollywood, há dois meses. Mas estar em lugar de gente poderosa é diferente de acessá-los de verdade, diz a atriz.

"Estou ali, mas com o meu trabalho, levando minhas personagens. Acho importante estar, mas também acho importante não estar. O que mais mudou, desde a primeira temporada, é que se o holofote chegou para todos nós, é preciso ter responsabilidade. Eu não tinha essa preocupação."

A entrevista aconteceu em um hotel, um dia depois da pré-estreia. Lá, Carvalho ficou hospedada no mesmo rancho que os jornalistas, e disse nas redes sociais que a ida da imprensa para a Paraíba era "um golaço".

"Cangaço Novo", afinal, se tornou joia brasileira do Amazon Prime Video, que agora abre os cofres para divulgar mais amplamente

uma série que lançou de forma tímida, há três anos.

A obra foi criada por Eduardo Melo e Mariana Bardan, marido e mulher, que em 2014 foram a Los Angeles tentar a vida como roteiristas. Deu errado - o mercado de lá é muito competitivo, eles dizem - e voltaram. Aqui, venderam "Cangaço Novo" à produtora O2, que passou anos mexendo no projeto até a Amazon entrar na empreitada, em 2018.

Cinco anos e uma pandemia depois, "Cangaço Novo" apareceu nas listas de favoritos de vários críticos de televisão. Diziam que a obra não perdia em nada para as séries de ação feitas lá fora

A promessa agora é que cada um dos sete capítulos, liberados de uma vez, tenha uma cena de pancadaria ou de explosão grandiosas. Na estreia, há perseguição, uma boa dose

de sangue e muita violência verbal também - Dinorah e Ubaldo competem para ver quem é mais boca suja.

Com o bando desmantelado, após a tragédia da temporada anterior, os dois decidem recrutar novos bandidos. Um deles é Carioca, interpretado pelo rapper Xamã, que vem mirando uma carreira na atuação. Outro cantor que chega à série, numa aparição relâmpago, é o pernambucano João Gomes. Aclamado no Nordeste, bastou ele surgir na cena para o público de Cabaceiras gritar.

Para além de violenta, "Cangaço Novo" volta também mais política. Nesta temporada, há uma cena que gira em torno de uma eleição para prefeito, que parece dialogar com disputas reais - inclusive na estética, com o campo progressista, em cena, com camisetas e bandeiras vermelhas.

BAFICI
BUENOS AIRES FESTIVAL INTERNACIONAL DE
CINE INDEPENDIENTE

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Conhecido como “o filme que deu a Paul Newman seu único Oscar”, “A Cor do Dinheiro” (“The Color Of The Money”, 1986) deu lucro, 40 anos atrás: custou US\$ 14,5 milhões e faturou US\$ 52,2 milhões. Vai faturar mais um troco agora que inicia uma volta ao circuito, na celebração de suas quatro décadas, num regresso que começou via Buenos Aires, na reta final do BAFICI. O festival da Argentina – um dos mais prestigiados da América Latina na atualidade – rendeu-se ao jovem Tom Cruise num embate contra o veterano Newman (morto em 2008, aos 83 anos) numa mesa de sinuca, tendo Martin Scorsese como árbitro – na telona.

Este mês, o diretor de 83 anos já deu as caras, como ator, em “Consequência” (“Outcome”), ao lado de Keanu Reeves – esse filmaço está na Apple TV. Já, já, será narrador em “Star Wars: O Mandaloriano e Grogu”, que estreia no dia 22 de maio. Não bastasse, esse artesão autoral aclamado por “Taxi Driver” (Palma de Ouro de 1976), “Os Bons Companheiros” (1990) e outros cults, ainda tem um longa-metragem inédito a caminho: “What Happens at Night”. Seu elenco tem Jennifer Lawrence, Mads Mikkelsen e o xodó do cineasta, Leonardo DiCaprio.

É uma adaptação de um romance de Peter Cameron. Em suas páginas, um casal americano visita uma cidade europeia coberta de neve. Num misterioso hotel, conhecem figuras das mais estranhas: uma cantora cheia dos enigmas, um empresário de índole duvidosa, um curandeiro. A realidade se confunde com o devaneio... e com o pesadelo... naquele espaço.

Endeusado, Scorsese vem se dando bem com streamings, tendo filmado “O Irlandês” para a Netflix, em 2019, e emplacado o magistral “Assassinos da Lua das Flores”, com a ajuda da já citada Apple TV). “Passei a vida contando histórias que instigam a minha imaginação sob a inspiração do que aprendi nos filmes que via enquanto crescia”, disse Scorsese ao receber o Urso Honorário da Berlinale, em 2024.

Desde 2018, quando foi homenageado na Quinzena de Cineastas, no balneário de Cannes, ele anda muito generoso com os convites dos festivais internacionais para falar de sua obra. Fez isso na Croisette e voltou a fazê-lo no Marrocos, na mostra anual de



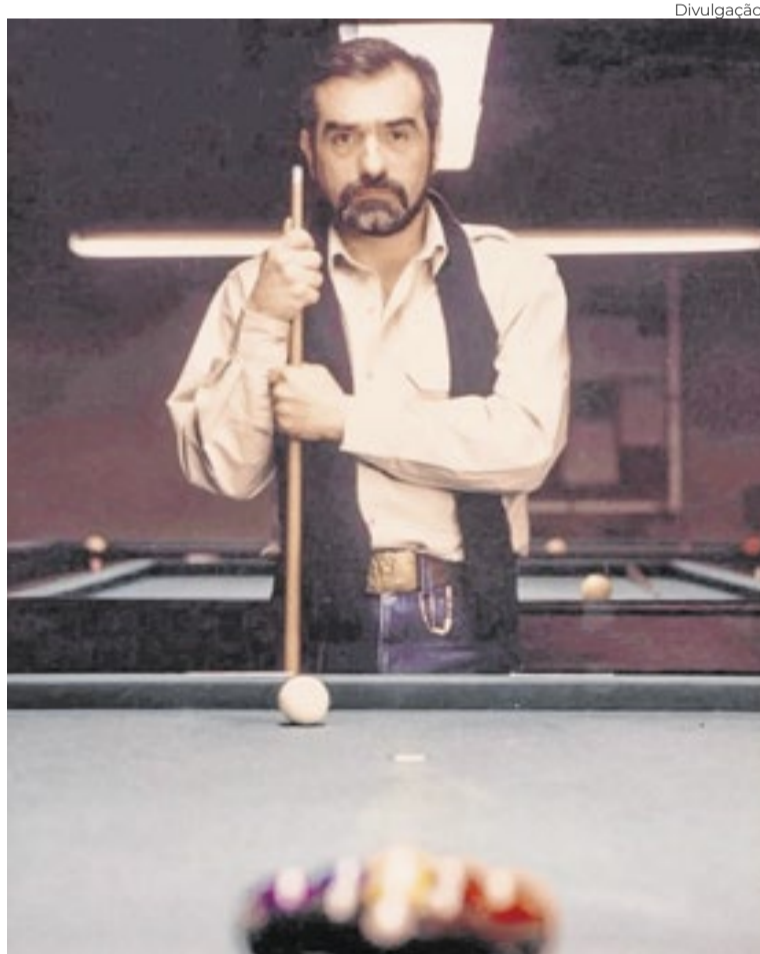
Na caçapa de Scorsese

‘A Cor do Dinheiro’ faturou US\$ 52 milhões, rendeu o Oscar a Paul Newman e deu fama de perfeccionista a Tom Cruise, que dava suas tacadas sem dublê

Cópia restaurada de ‘A Cor do Dinheiro’, comemorativa dos 40 anos de sua estreia, abre-alas para uma nova marcha do mítico diretor nova-iorquino pelas telas, com filme inédito no set

Marrakech, onde foi conferir uma cópia nova de “Kundun” (1997) e aproveitou sua passagem pelo evento para falar sobre sua carreira e suas angústias audiovisuais.

“Há cifras muito altas em torno de ‘Homem-Aranha’, ‘Batman’ e esses super-heróis todos, mas filmes ousados de diferentes países, feitos com pouco dinheiro, andam sem espaço. Festivais devem ajudar essas produções a encontrar seu público”, disse Scorsese para uma



O jovem Scorsese no set de filmagens do longa

plateia lotada, quase tanto quanto a claqué que mobilizou o Cine Teatro Alvear, na Argentina, para ver “A Cor do Dinheiro” no Bafici.

Sequência tardia de “Desafio À Corrupção” (1961), esse longa foi a resposta a um pedido de Newman, que procurou Scorsese sonhando retomar o personagem Eddie Felson, sinuqueiro de caráter duvidoso. Na continuação desse cult, Felson se mete com o novato Vincent, papel de Cruise, tornando-se

uma espécie de tutor do rapaz, nas mesas de bilhar da vida, até “furar o olho” do rapaz de maneiras diversas.

Dirigido por Robert Rossen (1908-1966), com base em romance de Walter Tevis (1928-1984), o eletrizante “Desafio À Corrupção” fazia parte do baú de saudades de Scorsese em sua infância. “Eu era um menino com asma que não podia correr nem rir muito alto. Numa casa sem livros, meus pais

me levaram ao cinema, para ver os clássicos da Hollywood de 1944, 45. A chegada de uma pequenina televisão em nossa casa mudou as coisas, pois havia um canal de TV só para italianos em Nova York, no qual eu vi clássicos da Itália como ‘Paisà’. Ali, a noção de ‘filme estrangeiro’ passou a ser bem próxima para mim”, disse o cineasta, ganhador do Oscar em 2007, por “Os Infiltrados”, com Jack Nicholson, cuja habilidade de improvisar lembrou a de Newman em cena... só que com mais maluquês. “É necessário correr atrás dos atores, entender os espaços deles, perceber o quanto há deles nos personagens”.

Festivais como o BAFICI – que terminou no domingo – gozam do afeto de Scorsese porque foi na Croisette, em 1974, em que ele, então um iniciante, exibiu o longa-metragem que bancou seu passe para o estrelato: “Caminhos perigosos” (“Mean Streets”).

“Quando eu trouxe esse filme pra Cannes, nos anos 1970, eu desfrutava de um anonimato que me permitia ir de restaurante em restaurante, espionar o Wim Wenders e o Werner Herzog, que estavam começando também, e falar horas e horas sobre filmes. Era uma época em que a gente sabia onde estava cada objeto de uma cena filmada por diretores como Raoul Walsh, a quem eu idolatrava e ainda idolatro, como quem sabe a geografia de um espaço. Era geografia de set”, contou o diretor em Cannes, com a incontinência verbal (tensa e tímida) que lhe é peculiar.

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Anitta testa novos caminhos musicais em 'Equilibrium'

Novo álbum leva Anitta ao topo do Spotify

Anitta liderou a principal estreia global de álbuns da semana no Spotify com "Equilibrium", lançado no dia 16. O disco colocou a brasileira no topo da parada da plataforma, à frente de "Konnakol", novo trabalho do ex-One Direction Zayn, que ficou na segunda posição.

Esta é a segunda vez que Anitta ocupa essa posição. A primeira vez foi em 2022, com o álbum "Versions of Me".

Além do álbum, a cantora também apareceu entre as maiores estreias de música da semana. A faixa "Meia Noite", produzida pelo trio Los Brâsileros, entrou na lista global de singles mais ouvidos do Spotify, ocupando a décima posição.

No topo da lista ficou Olivia Rodrigo, com "Drop Dead", seguida pela parceria entre Tyla e Zara Larsson, intitulada "She Did it Again".

Veneza define chefia do júri

Maggie Gyllenhaal será a presidente do júri internacional da 83ª edição do Festival Internacional de Cinema de Veneza, que acontece entre 2 e 12 de setembro. A diretoria da Bienal de Veneza aprovou a recomendação feita por Alberto Barbera, diretor do festival. Como presidente do júri, Gyllenhaal chefiará a comissão que decidirá o Leão de Ouro de melhor filme e outros prêmios na edição deste ano do festival. A atriz disse estar feliz em aceitar o convite e honrada em participar da continuidade da tradição do festival.

Ficou de fora

Fãs de Michael Jackson estranharam a ausência de um membro da família na cinebiografia recém-lançada sobre o artista. A irmã caçula do cantor, Janet Jackson, recusou participar da produção dirigida por Antoine Fuqua. A informação foi confirmada por La Toya Jackson.

Ficou de fora II

A cantora Diana Ross, amiga próxima de Michael, também ficou fora da versão final do longa. Escalada para interpretá-la, a atriz Kat Graham revelou em suas redes que chegou a gravar cenas, posteriormente cortadas. "Esses momentos não fazem mais parte da versão final", postou.

A polêmica fusão Paramount-Warner

A carta aberta contra a fusão entre a Paramount e a Warner Bros. Discovery ultrapassou 4 mil assinaturas de profissionais de Hollywood. A lista de apoiadores cresceu após os acionistas da WBD aprovarem a operação. A carta, publicada em 13 de abril, tinha cerca de mil nomes. Entre os novos nomes estão Robert De Niro (foto), Sofia Coppola e Pedro Pascal.



Divulgação



Divulgação

Shakira durante apresentação em São Paulo, sua última passagem pelo Brasil

Fãs especulam setlist de Shakira para show no Rio

Repertório de megapresentação em Copacabana deve misturar sucessos clássicos com faixas do álbum mais recente da estrela colombiana

A menos de uma semana do megashow de Shakira em Copacabana, a expectativa do público brasileiro atinge níveis históricos. O evento, marcado para 2 de maio como parte do projeto "Todo Mundo no Rio", promete reunir mais de um milhão de pessoas na praia carioca. A cantora colombiana já expressou entusiasmo com o Brasil: "Brazil, I love you!!!!", compartilhou em suas redes sociais ao confirmar a apresentação gratuita.

Embora a setlist oficial ainda não tenha sido divulgada, o repertório deve seguir o padrão da turnê "Las Mujeres Ya No Lloran", que passou pelo Brasil no ano passado e continua em apresentações por diferentes países. Como é comum

em grandes turnês, Shakira tende a manter a estrutura dos shows já realizados, com pequenas variações conforme o contexto local.

As faixas mais prováveis incluem canções do álbum mais recente, como "Puntería" e "La Fuerte", além de clássicos que marcaram sua carreira: "Hips Don't Lie", "Chantaje", "Suerte (Whenever, Wherever)" e "Waka Waka (Esto es África)". Parcerias recentes também devem aparecer, especialmente "TQG" com Karol G e "BZRP Music Sessions #53" com Bizarrap, que conquistaram audiências massivas nas plataformas de streaming.

O grande destaque da especulação entre fãs é a possível participação de Anitta. As duas artistas gravaram recentemente "Choka Choka", faixa do disco "Equilibrium" da brasileira. Anitta mencionou o trabalho

conjunto e o show em recente edição do Flow Podcast, alimentando esperanças de uma apresentação ao vivo da parceria. Seria a primeira vez que ambas apresentariam a música juntas no palco, embora Anitta já tenha cantado "Choka Choka" no programa "Saturday Night Live".

O show também deve abrir espaço para momentos nostálgicos, com músicas como "Antología", "Estoy Aquí" e "Pies Descalzos, Sueños Blancos", criando uma jornada pelas diferentes fases artísticas da cantora. A estrutura típica de seus shows combina blocos temáticos que transitam entre períodos distintos de sua discografia, oferecendo algo para fãs de todas as gerações.

Compositora, produtora e dançarina, Shakira Shakira é, além de uma das maiores artistas latinas da história, símbolo de empoderamento feminino. Iniciou sua carreira em 1990 e conquistou projeção internacional com o álbum "Laundry Service" (2001), que incluiu o hit "Whenever, Wherever". Com mais de 125 milhões de discos vendidos globalmente, acumula prêmios Grammy, Latin Grammy e é reconhecida por sua versatilidade musical: do pop latino ao reggaeton, passando por rock e dança. Seu álbum "Las Mujeres Ya No Lloran" (2024), primeiro em sete anos, venceu o Grammy de Melhor Álbum Pop Latino em 2025.

O projeto "Todo Mundo no Rio" consolidou a cidade como destino para eventos de grande escala, e a presença de Shakira marca mais um capítulo dessa história.

Fãs brasileiros já se mobilizam nas redes sociais, compartilhando playlists com as possíveis faixas e debatendo qual será o momento mais memorável da noite.

SERVIÇO SHAKIRA

Praia de Copacabana
2/5, às 21h45 | Entrada franca

CRÍTICA DISCO | CANTO PARA OS RIOS

POR AQUILES RIQUE REIS*

Um álbum conceitual de rara beleza

Das entranhas da terra, nascem florestas e rios, pisam na terra seus filhos e filhas. Aos caminhos que se abrem, por onde passa a minha voz, ela por mim viaja. Voz que fala e voz que canta, minha voz derrama e canta: vai, vai! As margens de ser a imagem que foi outrora. Parece com seus olhos de mãe a me aleitar, menina dos meus sonhos, Jacira a me ninar. Voar, voei nessa canoa voadeira. A vida que passa em mim vai ficar. Navega o rio canoieiro, navega estrela do mar, navega a foz do rio, navega o barco, boieiro, navega a estrela do mar. Canta o teu canto em vozes e prantos, enfim é tudo mar.

Cantando esses versos que gravou em Canto Para os Rios (álbum independente nascido de um cuidadoso trabalho ajuntado em suas viagens à região Norte), alguns aqui selecionados aleatoriamente por mim, Tarita de Souza seduz. Convicta da força de vozes que se somam, ela ajuntou-se a outros cantares. O que compõe e canta resulta em pura prosa, verso

e atitude! Ouça o álbum em <https://sl1nk.com/spyl46x>.

Cantora, compositora, regente, educadora musical e artista visual, com licenciatura, mestrado e doutorado em música pela Universidade de São Paulo, a musicista dedicou-se à conclusão do álbum com pesquisa de campo, imersão nos rios, contato com manifestações culturais locais e estudos sobre o ciclo das águas.

A dicotomia entre as culturas das regiões Norte e Sudeste determinou a abordagem do tema ao qual se propôs desenvolver. Um motivo definiu a escolha: a discrepância entre as raízes cotidianas e urbanas do Sudeste e a tradição da Amazônia, com sua intensa relação com os rios e a natureza.

Em Canto Para os Rios, o cantar de Tarita de Souza vem democraticamente ampliado pelas vozes de diversos solistas e do Quarteto Calêndula. Alinhavando a ideia original, arranjos certos caem como gotas de mel silvestre sobre o álbum, transformando-o em algo ainda mais afetuoso e precursor. Tudo para que sua voz calorosa, firme em

ajustada respiração, resulte numa afinação que vai às notas com a precisão de um raio de luz.

PS. A experiência do álbum se expande para além do áudio: o lançamento de um filme dirigido pelo cineasta Luan Cardoso.

Ficha técnica

Produções musical e executiva, e arranjos: Dante Ozzetti e Tarita de Souza. Compositores: Tarita de Souza, Joãozinho Gomes, Allan Carvalho e Ronaldo Silva. Capa e fotos: Tereza Maciel e Tarita de Souza. Assistente de fotografia: Silvia Ló. Encarte: Daniel Conti. Instrumentistas: voz e piano: Tarita de Souza; violões (Dante Ozzetti); Luca Raele (clarinete); Neymar Dias (baixos elétrico e acústico), Maiara Moraes (flautas), Thais Nicodemo e Erika Ribeiro: (piano), Kabé Pinheiro (percussão), Rodrigo Bragança (guitarras e efeitos); solistas: Patrícia Bastos, Nayara Guedes, Carlos Franco. Quarteto Calêndula: Bárbara Blasques, Verônica Rosa, Luan Augusto e Felipe Panelli.

*Vocalista do MPB4 e escritor



Divulgação

Tarita dedicou-se à conclusão do álbum com pesquisa de campo e imersão nos rios

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES



Divulgação

Antecipando o álbum

O grupo Manacá da Serra apresenta “D’jà Vu Desejo”, primeiro single do álbum homônimo previsto para julho. A faixa, composta por Theo Lustosa e Paulinho Motta, mescla forró tradicional com sonoridades contemporâneas. O trio é formado por Bárbara Barcellos (colaboradora de Milton Nascimento), Theo Lustosa e Dil Brasil (zabumbeiro). O segundo single “Vagalumes” chega às plataformas digitais em junho. O projeto conta com participações dos músicos Sérgio Andrade e Janayna Pereira.



Divulgação

Um amor repentino

A banda Inimigos da HP acaba de lançar “Condomínio Fechado”. Lançada junto com um clipe gravado em show ao vivo, a faixa aborda um amor repentino que altera a rotina com leveza e bom humor. “É uma inédita, que recebemos de um grupo de compositores que gostamos e admiramos muito, um pessoal que está com uma caneta afiada, e são competentes. Foi um orgulho enorme para nós poder gravar a faixa. Ela nos encantou pela melodia, métrica, divisão e pelos versos, que tem tudo a ver com Inimigos e faz”, comenta Gui Rocha.



Divulgação

MPB com jeitão latino

Jônatas Belgrande acaba de lançar “Me Quedo Por Ti”, primeiro single do álbum de estreia Démodé (previsto para junho). A canção em espanhol mescla MPB com flamenco e influências latino-americanas à la Manu Chao, brincando com a lei de Newton para descrever dois corpos que insistem em se tornar um e fazem de tudo para que esse desejo se torne realidade. O álbum marca uma nova fase artística do cantor e compositor carioca, que já acumula milhares de ouvintes mensais nas plataformas digitais.

ENTREVISTA | **MARCUS VINÍCIUS FAUSTINI**

DIRETOR TEATRAL E CINEASTA

*'A rua era uma espécie de arquibancada permanente'***RODRIGO FONSECA** Especial para o Correio da Manhã

Craque (e do tipo que não se derruba) na arte da inclusão, Marcus Vinícius Faustini resolveu otimizar a contagem regressiva para a Copa do Mundo (marcada de 11 de junho a 19 de julho na América do Norte) fazendo do futebol matéria teatral. Seu novo espetáculo, "Assim Na Terra Como No Céu", estreia em 30 de abril, no Teatro Ipanema, com sessões gratuitas, desenhando-se como um jogo. Não é um Fla x Flu clássico. Não tem gandula, nem bandeirinha, nem trave. Árbitro até tem: fica na consciência da gente, que há de pesar em meio à partida.

Uma partida falada, geopolítica, travada entre duas potências de nossos palcos, ambas em estado de graça no palco (a julgar pelo ensaio que o Correio da Manhã: Elisa Pinheiro e Paulo Verlings. Cineasta, gestor artístico, encenador, outrora Secretário de Cultura do governo Eduardo Paes e cronista, Faustini parte de um texto inédito do professor da UFRJ, antropólogo e cientista político Luiz Eduardo Soares e põe Elisa na pele de uma jornalista de guerra, Nara. Em paralelo, transforma Verlings numa mistura de Romário com Neymar, mais um temperinho de Zico (isso quando se fala no binômio talento nos gramados + marra): o jogador Vicente. À beira do colapso pessoal e profissional, em meio a um escândalo com bets (apostas digitais), ele convoca a repórter mais audaz da imprensa para uma entrevista. Na conversa entre eles, Luiz Eduardo marca um gol de humanismo, convertendo tropos sociológicos em soluços de angústia. Rolando a bola para Faustini, ele permite a esse Arthur Miller do Cesarão golear a nossa miopia midiática. No papo a seguir, o diretor, antes aclamado pelas peças "Capitu" e "O Filho do Presidente", fala sobre o quanto estamos míopes... e muito mais

De que maneira o futebol (ainda) carrega uma marca de dramaturgia da brasilidade? Onde e como o futebol entra na sua formação?

Marcus Vinícius Faustini - Quando eu era moleque, colecionava cartas dos times do Campeonato Brasileiro. Nunca completava o álbum. Faltava dinheiro. Mas aprendia outra coisa: negociar, trocar, conversar. A rua era uma espécie de arquibancada permanente. Essa paixão pelo futebol me formou como colecionador - e colecionar, no fundo, é um gesto cultural. É organizar memória, criar narrativa, dar valor ao que parece pequeno. O teatro brasileiro tem poucos dramaturgos que enfrentaram o futebol de verdade. Oduvaldo Vianna Filho, o Vianinha, é uma referência, mas ainda é pouco diante da centralidade que o futebol tem na nossa vida. Hoje existe um debate global forte sobre esporte e saúde mental. Isso abre uma chave nova: o futebol deixa de ser só espetáculo ou performance e passa a ser também campo de subjetividade, de pressão, de colapso, de reinvenção. É aí que a dramaturgia pode entrar com força, não pra ilustrar o jogo, mas pra revelar o que o jogo esconde. A peça "Assim Na Terra Como No Céu" nasce nesse ponto: usar o futebol como linguagem para

falar de poder, exposição, do que acontece com um sujeito quando ele vira personagem público.

De que maneira a presença do jornalismo em cena abre um debate sobre a dimensão de poder que a mídia brasileira sempre cultivou?

Hoje os jornalistas não estão só mediando a realidade, eles estão sendo diretamente atravessados por ela. Pressão das redes sociais, violência simbólica das fake news, ataques coordenados, interesses econômicos e políticos cada vez mais explícitos. Isso desloca o debate. Não dá mais para falar da mídia apenas como estrutura de poder, é preciso olhar para os sujeitos que operam essa máquina, sob tensão constante. A peça aponta para isso: a jornalista em cena não é só quem revela, é também quem está em risco. Nesse sentido, falar de jornalismo hoje é, inevitavelmente, falar de saúde mental.

Como se deu o processo criativo com Luiz Eduardo Soares? O que mais te atrai na obra dele?

Eu cheguei com uma provocação: futebol, bets, jornalismo, inteligência artificial, saúde mental — e ele transformou isso em conflito humano. Luiz não escreve tese,



André Manteli/Divulgação

escreve gente. O que mais me atrai nele é essa capacidade de olhar para estruturas de poder sem perder a dimensão ética e subjetiva dos personagens. Ele entende o Brasil em profundidade, mas escreve sem didatismo.

De que maneira o gestor cultural, de forte formação política, que você é influi na sua forma de fazer arte? Neste momento do Rio, em que pé vai a nossa Cultura?

Não faço arte para ilustrar política. Faço arte entendendo que toda forma estética é também uma disputa de mundo. Minha formação como gestor me dá senso de contexto, de estrutura, de público real, não abstrato. Eu penso circulação, acesso, território. Penso quem vê e

quem não vê. As políticas culturais que nos trouxeram até aqui tiveram acertos importantes na inclusão social, mas revelaram limites quando o assunto é consolidar a economia da cultura como trabalho estruturado e contínuo. Agora é hora de dar um passo além: precisamos de novas ideias de política cultural que articulem acesso, formação e sustentabilidade econômica.

Quando estreia o teu "Ana", filme vencedor do prêmio do júri no FestAruanda, em 2023?

Sou um cineasta independente. Isso traz desafios reais de viabilização, mas também uma liberdade decisiva para inventar caminhos. A circulação do filme está sendo pensada como experiência: exibição, de-

bate e território. Não é só sobre lançar - é sobre criar encontro, produzir conversa, ativar sentido. Ele entra no circuito quando fizer sentido como gesto, não apenas como agenda.

Qual é o sentido afetivo de sua volta ao palco agora?

O teatro, pra mim, é o melhor lugar pra sentir e pensar a vida ao mesmo tempo. Eu venho escrevendo sobre isso há anos — e, no fundo, tem a ver com a minha própria formação. O teatro atravessa minha infância e juventude na periferia como espaço de descoberta, de linguagem e de possibilidade de mundo. Voltar ao palco agora não é um gesto nostálgico. É um retorno ao essencial, ao lugar onde o encontro acontece sem mediação - no corpo, na palavra e no risco.

AFFONSO NUNES

A importadora Tanyo intensificou sua aposta em vinhos espanhóis de luxo ao trazer ao Brasil rótulos exclusivos de pequenos produtores da Catalunha. A apresentação oficial dessas novidades ocorreu na sede da distribuidora Woods Wine em degustação dirigida a sommeliers e formadores de opinião. Durante o encontro, foram mostrados os novos lotes da Clos de l'Obac, do Priorat, e da Bodegas Mestres, de Penedès — cerca de 600 garrafas de cada produtor, números que ilustram a aposta na exclusividade e na alta qualidade.

“Construímos um portfólio voltado para pequenos produtores que nos parecem especiais, que fogem do comum. Mesmo com poucas garrafas, queremos ampliar o conhecimento sobre esses vinhos”, disse Guillaume Verger, fundador da importadora, destacando a chance de oferecer ao público brasileiro vinhos com forte identidade territorial, elaborados por projetos familiares que valorizam autenticidade, tradição e rigor técnico.

No Priorat, a Clos de l'Obac trabalha com vinhas antigas de Garnacha e Carinyena plantadas no solo de llicorella, uma ardósia negra que confere potência aromática, mineralidade e estrutura marcante aos vinhos. Situada em área montanhosa a 150 km de Barcelona, a região se destaca pela excelência de seus vinhos e pelas condições desafiadoras em que eles são produzidos.

São rótulos densos, profun-

A hora e a vez dos vinhos top catalães

Importadora traz rótulos prestigiados das vinícolas Mestres e Clos de l'Obac em tiragem limitada



Divulgação

A Clos de l'Obac é um das vinícolas icônicas das montanhas do Priorato

dos, complexos e naturalmente longevos — características que os tornam admirados em todo o mundo. Guillem Pastrana, responsável pela vinícola, destacou a

filosofia de produção da vinícola criada por seus pais que não leva seus rótulos para concursos internacionais: “Não fazemos vinhos para terem notas altas, mas para

serem excepcionais e exclusivos”, disse ao Correio da Manhã, revelando que os rótulos da Clos de l'Obac mantêm os mesmos cortes de uva e respectivas percenta-

gens em todas as safras. Destaque para os tintos Clos de l'Obac e Miserere, ambos da safra 2015, e o branco Kyrie (safra 2024).

A história do Priorat como região produtora começa no século XII, quando monges da Ordem dos Cartuxos chegaram à Catalunha vindos da Provença (França). Lá fundaram o Mosteiro de Scala Dei (Escada de Deus). Os monges implantaram técnicas vitícolas avançadas para a época, introduzindo sistemas de cultivo em terraços, manejo de vinhas em encostas íngremes e escolha de castas adaptadas ao clima quente e ao solo xistoso. A produção entrou em declínio no século XIX e foi redescoberta nos anos 1970.

Já na pequena Sant Sadurn d'Anoia, em Penedès, a Bodegas Mestres produz cavas de precisão artesanal, elaborados pelo método tradicional e maturada longamente sobre as borras. Trabalhando exclusivamente com as castas da região - Xarel·lo, Macabeo e Parellada -, a casa preserva um estilo de altíssima finesse, marcado por acidez vibrante, cremosidade e complexidade aromática que remete a brioche, amêndoas e frutas cítricas. “O foco é a expressão pura do terroir com mínima intervenção e o máximo refinamento”, disse ao Correio David Aura, representante da 30ª geração da família que produz na região desde 1312.

As cavas da Mestres são de uma sofisticação e equilíbrio que não deixam nada a dever às melhores champanhes francesas. Destaque para Visol (safra 2018), elaborado no método nature, e excepcional Mas Via (safra 2008), altamente complexo.

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Divulgação

Outono no Kitchin

No restaurante Kitchin, no Shopping Leblon, a estação convida a desacelerar com uma experiência que une gastronomia japonesa aos aromas do whisky. A casa destaca três rótulos da Suntory: Yamazaki, Hibiki e Chita. O Yamazaki, mais complexo e profundo, harmoniza com cortes como o carpaccio de barriga de salmão. O Hibiki aposta no equilíbrio, com notas florais e perfil elegante, ideal para sushis e nigiris. Já o Chita traz leveza e toque adocicado, com baunilha e mel, transitando entre o puro e a coquetelaria.



Lipe Borges/Divulgação

A torta que virou sorvete

A sorveteria Mil Frutas e o restaurante Empório Jardim se uniram para transformar um clássico carioca em sorvete. As sócias Juliana Saboya e Paula Saboya convidaram a chef Paula Prandini para criar um sabor inspirado na icônica torta de chocolate belga, criada pela chef no Empório Jardim. A sobremesa, conhecida como Ouro do Jardim, acaba de ganhar uma versão gelada, com intensidade e cremosidade que consagraram o doce original. Disponível até o início de maio, nas unidades da rede de sorvetarias.



Divulgação

Um jantar estrelado

O chef Danilo Parah recebe Jessica Trindade, primeira mulher carioca a conquistar uma estrela Michelin, para jantar especial no Rudã, dia 4 de maio, às 19h. À frente do Madame Olympe, a chef participa do projeto Noites Brasileiras, que propõe um passeio pelas regiões do país. A iniciativa reúne chefs mulheres em encontros a quatro mãos, valorizando ingredientes nacionais. Os chefs apresentam um menu autoral com alma carioca e técnica francesa. Entre os destaques, usuzukuri de vieira, gyoza de frango com quiabo e peixe com beurre blanc de wasabi.

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Se essas ruas fossem minhas...

Gostaria de saber quem é o 'criativo' que nomina algumas ruas do Rio, porque quem deveria cuidar e as deixa esburacadas eu bem sei quem é. Vamos a alguns exemplos:

Com uma fezinha no Barão de Drummond forma o bloco de logradouros animaiscos temos: Caminho dos Cachorros em Senador Camará, Rua do Papagaio em Inhoaíba, Beco das Sardinhas no Centro, Rua dos Periquitos na Pavuna, Travessa Jacaré no Jacarezinho, Rua das Borboletas em São Cristóvão, Rua do Pirlampo e da Fragata na Curicica, Estrada do Focinho de Porco na Itaóca, Rua do Pavão e do Avestruz em Campo Grande, Rua Onça de Pitangui, da Onça Pintada e do Lagarto em Campo Grande, Rua da Gaivota no Galeão e Inhoaíba, Rua Gavião no Galeão, Rua das Caravelas no Jardim Guanabara, Rua do Colibri na Taquara e em Todos os Santos. Estrada do Biguá no Alto da Boavista, Rua Ilha das Cobras nos Bancários e Rua Galo Branco no Jardim Guanabara, ambas na Ilha do Governador, Rua Galo da Serra na Cidade Nova, Rua Ilha do Veado em Piratinin-ga, Rua do Javali em Vilar dos Teles... é bicho que não acaba mais, um zoológico completo. No bicho do futebol, seria uma vaquinha.

Negócio da Rua China em Campo Grande. O mapa-múndi sem sair do Rio. Avenidas Paris, Nova York e Londres em Bonsucesso, a Rua Roma no Recreio dos Bandeirantes, a Rua Lisboa na Penha Circular, a Rua Argentina em São Cristóvão, a Rua República do Peru em Copacabana, a Avenida República do Chile no Centro e a Rua Chile em Bangu, em Bonsucesso e na Penha, - vai gostar de homenagear o país vizinho assim lá na Conchinchina -, as avenidas República do Líbano, República Árabe da Síria, República do Paraguai, com sua versão rua em Bangu, e Rua México, no Centro, a Rua Paraná na Piedade, a Rua Cuba na Penha, a Rua Estados Unidos no Jardim América, a Rua São Paulo no Sampaio, a Rua Curitiba em Realengo, a Rua Londrina em Braz de Pina e a Rua Pará na Praça da Bandeira. Viajei.

Na Rua da Quitanda um hortifrúti completo. Tem a rua que é uma Uva e a do Limão - faz uma limonada - em Bangu, a Rua das Maças e da Laranja Lima em Cosmos, a Rua da Melancia, a do Melão, a dos Morangos em Curicica, um verdadeiro pomar que frutifica mais e mais. A Rua bananal em Inhoaíba e a estrada homônima em Jacarepaguá, a Rua da Batata na Penha e a Rua das Laranjeiras no mesmo bairro. Tem feijoada completa com as ruas do Arroz, do Feijão e da Farinha na Penha, da linguíça em Mangueinhos e a travessa do Sal na Cidade de Deus.

A Rua da Esperança, no Recreio dos Bandeirantes e em Jacarepaguá, é a última que morre. Acompanha a Estrada da Paz no Alto da Boavista, a Rua do Amor em Santa Cruz, a Praça da Caridade em Vargem Grande, a Estrada Belo Vale no Tanque, Rua da Bondade e a Rua Graça e Paz em Paciência, a Rua Bela em São Cristóvão. Vê Lume das Estrelas na rua de Inhaúma, numa Rua Noite Estrelada na Barra da Tijuca e na Rua Chuva de Prata no Rio Comprido. Poesia em lirismo para a rua do Poeta em Guadalupe, fazer Rua dos Poemas na Freguesia. A Rua Agradável leva à Rua Paraíso em Santa Teresa, a Rua da Luz em Pedra de Guaratiba, leva à Avenida Nirvana em Maricá.

É 'criatividade' demais para cuidado de menos...

